

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

38)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JANEIRO 20, 1833)



SCENA NOCTURNA — OS GUNYAS.

## GUNYAS OU HABITAÇÕES DOS NATURAES DA NOVA GALLES DO SUL.

A OCEANIA, que forma a quinta parte do mundo, oferece agora aos curiosos de saberem costumes e circumstâncias de paizes estranhos, ampla colheita de matérias novas, que lhes devem ser grandemente agradáveis. Já n'outra parte [+] fallámos dos costumes selvagens da Nova Hollanda, de que é parte a Nova Galles do Sul. Desta tractamos agora em particular, limitando-nos a descrever as habitações dos indígenas, principalmente durante a noite, ocasião em que se reunem os membros de cada tribo; porque a sua vida, despida de todas as artes da civilização, os obriga a vaguear de dia pelos mattos, em demanda do sustento.

A cerca destas reuniões nocturnas falla largamente um viajante inglez, que conversou muito tempo os povos daquellas brenhas. Da sua narração extraímos o que vamos dizer; bem como damos copia do desenho, que elle mandou para Inglaterra, de uma cena de noite nas choupanas, ou *Gunyas*, como lhes elles chamam, dos selvagens da Nova-Galles do Sul.

"Assentámos as nossas barracas n'um bosque de certa casta de sobreiros que se dão na Nova Hollanda, e ouvindo dizer que uma tribo de negros jazia na vizinhança, eu e um companheiro meu, determinámos ir visita-la á noite. Logo, por tanto, que a lua surgiu no horizonte, saímos na volta do logar onde nos di-

ziam que elles estavam. Brevemente chegámos á vista das fogueiras que os pretos haviam accendido, e com toda a cautella nos fomos approximando daquelle sitio."

"E' de notar que os negros fazem grande caso dos cães da Europa, não para se ajudarem delles na caça; mas porque ladram quando alguém se approxima dos gunyas. Apenas podemos ser sentidos, saltam conosco uma matilha de gozos magrissimos, e meios mortos de fome; mas ouvimos logo donos chamarem por elles com voz de azedume, e assim podemos ver tudo á nossa vontade."

"Depois de anoitecer raro será que um daquelles barbaros saia do seu gunya; e por isso, de fóra andámos examinando as acções particulares e as ocupações de cada familia. E' extremamente curioso observar os costumes de qualquer tribo naquellas ocasiões, em quanto, ao seu modo, se banqueteam, e repousam das fadigas do dia. Tem, comtudo, muita dificuldade o descrever a scena extraordinaria de oitenta ou noventa negros, homens, mulheres e creanças, assentados ao pé das fogueiras, e cercados pelas trevas da noite. O desenho que apresentamos, ainda que longe de dar a conhecer a realidade em toda a sua extensão, dá pelo menos, uma leve idéa della."

"A primeira choupana que vimos foi a do principal ou cabeça da tribo. Estava este encruzado no chão entre as suas duas mulheres, e fumando n'um cachimbo pequeno. Nenhum vestuário tinha, salvo a tanga

(+) Pág. 121 do 1.º vol. (1837).

sobre os rins. Trazia pendurada do pescoco uma cadeia que fechava n'uma chapa de bronze do feitio de meia-lua, e na qual estava escripto o seu nome. Quanto se podia perceber á luz da fogueira, era um homem robusto e nervoso. Havia naquelle momento acabado de comer, e as suas duas mulheres estavam avidamente attentas a comerem os restos dos kangurúes e sanguineas [\*) de que elle ceara; e de pedago a pedago tiravam do brazido pequenas tuberas e inhames. Quando os cães procuravam chegar aos bocados de comida, davam-lhes no focinho, e riam muito vendendo-os logrados, e irem-se ganindo com sua fome. Ambas ellas eram moças, porém feias; estavam cubertas com os capotes, que usam, de pelle de sanguinea, tinham a cabeça adornada de dentes de kangurús, na cartilagem do nariz atravessado um ossinho e um collar de canudos de canna amarellos, composto de pequenas peças."

" Nas outras choupanas, homens e mulheres de todas as edades se entretinham de diversas maneiras: uns fumavam, outros brincavam com as ercangas: alguns rapazes adestravam-se a manejar o tomahawk ou facha d'armas, outros revolviam a terra com bordões, imitando as mães no procurarem as raizes de que, em parte, se alimentam. Alguns homens mais industrioso concertavam entretanto as armas, outros já dormiam; mas observámos que antes de adormecer todos cantavam uma especie de cantiga, que ás vezes era acompanhada em côro por quatro ou cinco; e este canto, posto que a musica fosse barbara, não desagradava; porque a lingua daquelles selvagens é harmoniosa, e na toada e pronuncia se parece muito com o grego.

#### MILICIA DA EDADE MEDIA.

2.<sup>o</sup>

QUANDO no n.<sup>o</sup> 28 do Panorama publicámos um longo artigo sobre este -bjecto, declarámos logo que era impossivel pôr naquelle logar tudo o que havia a dizer sobre materia tão vasta e que bastaria para encher um arrasodo volume: desde então para cá muitas pessoas nos teem pedido voltemos a escrever o mais que havemos podido alcançar sobre a antiga milicia: fa-lo-hemos, até para satisfazer a promessa com que pozemos termo ao referido artigo. Começaremos por fallar das fortalezas e castellos, e sobre o modo de as tomar e defender.

Nos primeiros seculos da monarchia portugueza as correrias dos mouros, as guerras frequentes com Castella, e as dissensões intestinas que, segundo consta do livro do conde D. Pedro, quasi diariamente se ale vantavam entre os senhores dos diversos districtos, obrigaram a estes e aos nossos primeiros reis a fundarem castellos novos ou a reparar os antigos, de que o paiz estava cuberto, em consequencia das revoluções e conquistas que durante muitos seculos, as Hispanhas tinham sofrido. Em todas as povoações que se fundaram ou se restauraram, estes castellos eram edificados, e nelles achavam os povoadores abrigo das correrias e acommettimentos de toda a casta de inimigos. Este beneficio tinha porém seu desconto nas vexações que muitas vezes os alcaides-móres ou senhores dos castellos praticavam para com os vizinhos das povoações. Seguros em suas fortalezas da vingança do povo, gosando muitas vezes de uma auctoridade illimitada, se em umas occasões serviam de amparo aos pequenos, em outras lhes serviam de flagello. Ainda

(\*) Animas do genero *didelphis*, que significa *duplicada madre*. chamados assim porque teem um sacco por debaixo do ventre, onde se mettem os filhos, que dão á luz, antes que elles possam fazer uso dos seus membros, diffirindo neste ponto do resto dos animaes.

em 1410, nas cõrtes de Lisboa, se queixavam os habitantes de Santarem de que o seu alcaide tivesse em certa torre uma gaiola em que mettia juntamente homens e mulheres conforme lhe aprazia. Estas torres eram ordinariamente no Aleacer, nome que se dava ao palacio ou casa fortificada no interior do castello, na qual residia o alcaide-mór, e que tambem se chamava alcaceria, alcáçova, ou alcaceva; posto que alcaceva mais commumente signifique fortaleza velha ou arruinada. Tambem era, provavelmente, nestes pagos fortificados que estavam as torres albarrans, onde se guardavam os dinheiros publicos, as quaes existiam não só nos castellos de Coimbra, Lisboa e Santarem, mas tambem nos de outras povoações, como consta do Necrologio de Lamego.

As fortificações dos castellos compunham-se a principio de uma muralha, que o cercava em volta, sem outra regra, ao que parece, mais do que as ondulações do terreno. Nesta muralha ou *cerca* se ale vantavam torres de espaço em espaço, denominadas cubellos, bastilhões e camaranchões, isto tudo era rodeado pela cava, ou carcova, fóra da qual ficava um parapeito a que chamaram primeiro barbas-cañas e depois barbacans. Ainda hoje em muitas partes de Portugal restam vestigios destas fortificações, ou, *apartamentos*, como então lhes chamavam. O alto dos muros era coroado de ameias, por entre as quaes os de dentro faziam toda a casta de tiros, quando eram acommettidos. Havia também setteiras nas torres; estas setteiras aparecem abertas até nas ameias de alguns antigos castellos nossos. Em varios sitios dos muros, e principalmente junto das portas, havia certas frestas inclinadas para baixo, por onde se podia a cuberto ver o sopé do muro, e fazer para alli tiros. Chamavam a isto os franceses machicoulis; e porventura era o mesmo que os portuguezes denominavam balhesteira ou besteira. Segundo parece, era ao lanço do muro que corria entre cada uma das torres, que chamavam *quadrella*, pelas quaes se dividia a gente d'armas, em troços ou companhias encarregadas de as defender. Tinham os castellos, além das portas principaes, que geralmente eram levadiças, uma porta escusa chamada da *traição*, por onde os sitiados saíam a fazer arremetidas, a recolher mantimentos, e por onde muitas vezes fugiam, vendo-se em grande aper to. Nas torres ou sitios mais altos do castello eram as atalayas, onde se punham homens que tinham o mesmo nome, para vigiarem os inimigos, e d'alli se faziam signaes com fachos a pedir socorro; a estes fogos chamavam almenaras. A torre de menagem era talvez o mesmo que o Alcacer fortificado: porque essa torre era o ultimo abrigo dos defensores de qualquer castello, e onde o alcaide-mór sustentava no ultimo trance a *menagem* que tinha feito ao rei ou senhor de quem dependia. Estas torres ainda hoje se encontram nos castellos arruinados de Portugal.

A multidão de castellos que havia no reino não permittia que os reis os podessem construir e reparar á sua custa. De tempo immemorial existia, portanto, o seguinte methodo para se fazerem estas obras. Todos os habitantes de qualquer concelho eram obrigados a certo imposto para as fortificações e reparos dos castellos, ou a irem ali trabalhar pessoalmente quando disso se carecia. A tal obrigaçao e imposto se dava o nome de *adua*, ou *anuduva*, e tão vexatorios chegaram a ser estes impostos e serviços que D. Afonso 3.<sup>o</sup> os minorou consideravelmente em 1265, exceptuando das aduas certas classes de pessoas, e ordenando que para este mister ninguem fosse chamado senão em tempo de guerra ou de grande necessidade.

A cargo dos alcaides-mores estava a defensão e governo dos castellos. Era esta dignidade uma das mais

importantes dos tempos antigos; nem se conferia senão a pessoas de illustre ascendencia, que por não deshonrarem sua familia e seu nome, preferissem antes morrerem do que atraíçoarem seu senhor, entregando por nenhum caso o castello que lhe fora confiado. A minima ommissione no desempenho dos seus deveres era considerada como crime digno da morte. Antes do reinado de D. Diniz o alcaide-mór tinha tambem jurisdicção civil, d'onde vem chamarem-lhe pretor nos antigos documentos. Neste reinado, porém, essa auctoridade lhe foi tirada, ao menos em algumas povoações do reino. Quando morria qualquer alcaide-mór tomava conta do castello o parente mais proximo, e quando não o havia, faziam os moradores eleição de quem lhes parecia até elrei prover no caso.

As rendas das alcaldarias consistiam em uma grande multidão de impostos, e em muletas que as leis comminavam contra varios crimes: havia, além disso, propriedades dependentes do castello, cujo producto augmentava os rendimentos do alcaide-mór. Com isto era elle obrigado a defender o dicto castello, e a te-lo provido de gente, armas e bastimentos. Para fazer as suas vezes, em varios casos, tinha um alcade-menor ou pequeno, que parece principalmente se ocupava em arrecadar os impostos, muletas e rendas pertencentes á alcaldaria.

Diferente da guerra moderna, a guerra na edade media se fazia principalmente combatendo os logares fortificados ou castellos; porque para conquistar uma província ou reino era preciso render estes, visto que todas as povoações de algum momento os tinham, e que ahi se recolhiam os habitantes dos logares abertos, no caso de invasão. Na longa lucta que Portugal sustentou com Castella, no tempo de D. João 1.<sup>o</sup>, a historia não nos apresenta, salvo a batalha de Aljubarrota, e um ou outro recontro de pouca monta, senão cercos e combates dados juneto a muros de castellos. E' sobre estes assedios e ataques que nós julgamos dever aqui lançar o que mais curioso temos encontrado a este respeito, ajudando-nos tambem de uma memoria inedita sobre este assumpto, que nos foi communicada por um distinto official de artilharia.

Quando um exercito pertendia assaltar qualquer castello ía assentar arraial ao redor, fóra do alcance dos tiros dos sitiados, e este arraial era ordinariamente cercado de cavas e de vallas ou trincheiras: então começavam a aprestar os engenhos para baterem o castello. Estes engenhos eram de diversas especies e maneiras, sendo os principaes os seguintes.

1.<sup>o</sup> Bastida — Era uma especie de torre, cujo desenho se pôde ver na primeira estampa do n.<sup>o</sup> 28 do Panorama, a qual andava sobre rodas, e era cuberta com um tecto forte e forrado de couros, para abrigar os soldados que dentro iam. Esta torre, por via de regra, mais alta do que os muros, se aproximava delles, e de dentro della lançavam uma ponte por onde os sitiadores se travavam corpo a corpo com os sitiados.

2.<sup>o</sup> Gata — Não sabemos bem que machina fosse: no sentir do auctor do Elucidario era uma especie de torre em que os gastadores se chegavam aos muros para os derribar. Mas Fernão Lopes, fallando della, diz que servia para tomar um castello depressa e com pouca gente; o que nos faz crer que antes era machina para escalar muros do que para os picar, sendo este metodo de ataque, por ventura, o mais demorado de todos.

3.<sup>o</sup> A escala — Chamavam os antigos escalas ás escadas que se encostavam aos muros, e por onde subiam os mais ousados quando se assaltava qualquer castello. Estas escalas andavam ordinariamente encaretadas.

4.<sup>o</sup> Os engenhos — Esta é a denominação com que, nos nossos antigos escriptores, parece querer-se indicar genericamente os trabucos, a catapulta, a ballista, e toda a sorte de machinas para arremessar pedras, ballas de chumbo, quadrellas, virotões e mais projecteis, dentro da cerca dos castellos.

5.<sup>o</sup> Mantas — Eram uma especie de barracas moveis, feitas de grossas vigas e taboões, debaixo das quaes iam os soldados picar os muros: tambem com elles se amparavam os eirados das bastidas.

6.<sup>o</sup> Manteletes — O nosso Moraes diz que os manteletes eram o mesmo que as mantas. Parece mais provavel que fossem pequenas mantas levadas por um ou mais soldados que unindo-as fizessem uma especie de escudo ou anteparo contra os tiros dos sitiados, e semelhante á *testudo* ou tartaruga que os romanos usavam de fazer com os escudos. Taes eram os principaes meios que se empregavam nos commettimentos das fortalezas, antes da invenção da artelharia. Analogos eram os que se empregavam na defesa. Os sitiados usavam dos mesmos engenhos para arremessar projecteis. Além disso procuravam queimar as bastidas, com artifícios de fogo, quando estas se approximavam, e cegar os sitiantes deitando-lhes em cima cal em pó.

Uma traça muito usada para tomar os castellos era a das minas, que se abriam até chegarem por debaixo dos muros, e então lhes punham *contos* [escoras] a que depois deitavam fogo, fazendo assim cair grandes lanços de muro. A estas minas obviavam os cercados com outras, vindo muitas vezes a haver renhidos combates debaixo do chão, entre os sitiadores e os sitiados.

Como para chegar á cerca dos castellos era preciso passar a cava, usavam *cega-la* com matto, páus e pedras. Quando estas cavas estavam cheias d'água abriam-se outras em distancia e mais baixas, as quaes se faziam por algum modo comunicar com as do castello, para assim as escoar. Isto sabemos nós por um fragmento do já citado livro de Fr. João Verba, onde tambem se recommends que procurem ter os sitiados cava fundas e sempre innundadas, como um dos grandes meios de defensão, visto que as minas não podiam passar por baixo destas cavas sem se alagarem.

Com a invenção daquelle a que hoje damos exclusivamente o nome de artilharia, algumas mudanças se fizeram, ainda no 14.<sup>o</sup> seculo e principios do 15.<sup>o</sup>, na fortificação, commetimento e defensão das fortalezas; mas estas mudanças foram poucas e lentas. Porventura não se achou que as bombardas levassem grande vantagem aos engenhos até ahi usados, ou a dificuldade de construir estas novas machinas de guerra, e a imperfeição dos reparos ou leitos que se veem na 1.<sup>a</sup> estampa do n.<sup>o</sup> 28 limitou o seu uso. Parece provado que as primeiras peças de campanha que se viram em Portugal foram as que os castelhanos trouxeram á batalha de Aljubarrota: duvidamos, e muito, que antes disso as bombardas tivessem servido nos assedios das fortalezas, e que não fosse naquella batalha que os portuguezes pela primeira vez ouvissem o estampido da polvora.

Convém, antes de tudo, advertir que a palavra *trom* não é synonimo de bombarda, aliás não diria Fernão Lopes que em Aljubarrota os castelhanos traziam dezesseis *trons* e *bombardas*. O valor do vocabulo *trom* é *cousa que troa*, e por tanto era applicável a qualquer machina que disparando-se fizesse ruído; e por isso quando se falla de *trons* anteriores á esta epocha, nada nos induz a crer que se deva entender serem canhões esses *trons*.

Cumpre tambem notar que as palavras *artelharia* e *tiro* não significavam antigamente o mesmo que hoje significam. Em qualquer pagina dos nossos escriptores

ptores, ainda do seculo 16.<sup>o</sup>, se achará *tiro* significando toda a sorte de armas de arremesso. Quanto á palavra artelharia, a ordenação alfonsina a define; *engenhos, bombardas, escalas e outras quaequer coussas necessarias para feito de guerra*. No regimento de guerra, inserto na mesma ordenação, e que originalmente se attribue a D. Diniz, se falla já de artelharias; e de *artelheiros* n'um documento do seculo 10.<sup>o</sup> [carta de Sesnando, bispo de Santiago, anno de 914]. Segundo os bollandistas, a artelharia tira o seu nome de *arctirerie*, que autigamente significava, em França, catapulta ou balista.

Duarte Nunes de Leão, tractando de acontecimentos anteriores á epocha em que nos parece appareceu

a artelharia em Portugal, falla, na verdade, do uso de polvora e bombardas; mas porque não se enganaria elle, como outros tantos se enganam, tomando a significação do vocabulo moderno pela do antigo? Os que teem versado as nossas historias sabem o peso que se deve dar ás palavras de Nunes de Leão, que tantas vezes tractou de leve as materias sobre que escreveu.

Tendo dado noticia do que pertence á edificação, governo, commettimento e defensão das praças de guerra, na edade-media, guardamos para outro artigo accrescentar mais algumas curiosidades sobre o que dissemos no primeiro sobre a milícia em geral desses tempos.



CERVANTES.

## CERVANTES.

MIGUEL de Cervantes Saavedra nasceu na cidade de Alcalá de Henares em 1547. Muito moço partiu para Roma onde foi camareiro do cardeal Aquaviva. Desgostoso do seu estado servil, alistou-se nas tropas do papa, e embarcou-se na armada do almirante Colusnna, que formava parte da frota com que D. João d'Austria combateu os turcos em Lepanto. Nesta batalha naval, a mais celebre dos tempos antigos, recebeu Cervantes uma arcabussada de que perdeu a mão e parte do braço esquerdo. Voltando depois a Hespanha na galera *el Sol* foi ella tomada por Arnauto Mami renegado albanez e corsario d'Alger. Ficou Cervantes captivo, e no seu captiveiro não cessou um momento de trabalhar para recobrar a liberdade; mas todas as suas tentativas foram baldadas, e muitas vezes esteve a ponto de ser empalado. Assem, Dey d'Alger, costumava dizer de Cervantes: *em quanto este manela estiver seguro, tambem eu o estarei da minha ci-*

*dade, dos meus navios, e dos meus escravos.* Os frades da Trindade o resgataram por fim, e voltando a Castella, alcançou o mesquinho emprego de recebedor das *tercias e alcabalas* do reino de Granada. Não lhe bastando isto para viver, Cervantes lançou da penna a mão que lhe restava; mas se immortalisou o seu nome, não melhorou de condição. Havendo-se casado depois de voltar de Alger, ajuntára ás suas alhás misérias, e, reduzido a grande estreiteza, morreu em Madrid em 1614, com sessenta e oito annos de edade, que foram quasi outros tantos de padecimentos.

A mais celebre das obras de Cervantes é sem dúvida o *D. Quixote*; este romance, conhecido hoje em toda a Europa, traduzido em tantas linguas, foi recebido em Hespanha com indifferença e porventura com desprezo. Se é licito darmos a razão deste phenomeno, ella consiste em que Cervantes escreveu n'uma epocha em que o espirito da generosidade e da cavallaria estava ainda arreigado nos corações dos hespanhóes, e *D. Quixote* era um escarneio mui pungen-

te do espirito cavalleiroso daquellea illustre nação. Desenganado de todos os sentimentos mais poeticos da sua alma, digna de melhores tempos, vendo desabar successivamente sua gloria, como soldado, e como escriptor, vendo menoscabada sua virtude e brios, Cervantes soltou o sorriso infernal da desesperação, e este sorriso terrivel do genio tomou um vulto, traduziu-se em vida na historia de D. Quixote. Pouco antes de Miguel de Cervantes morrer, perguntava-lhe o licenceado Francisco Nunes o verdadeiro nome do cavalleiro da Mancha : "D. Quixote sou eu" foi a resposta do desgraçado escriptor. Assim era que elle legava aos que o tinham calcado como um verme o ferrete da infamia, que na fronte lhe haviam estampado ; assim lhes herdava um livro, que, escudado com o proprio merito, ajudaria os tyrannos a envilecer o caracter nobre e ousado dos antigos hespanhoes. Acaso calculou já alguem o damno que fez á virtude o livro immortal de Cervantes ? Quem, depois de ler D. Quixote, oussaria proteger o fraco contra o forte, quem não se envergonharia de um respeito exagerado ás mulheres, quem luctaria pela gloria da patria, se tudo isto estava polluido e amaldiçoado pela mais cruel das maldições, a do desprezo e do ridiculo ? Certo, que D. Quixote nunca ensinou tyrannias nem crimes, mas aplanou os caminhos dos tyrannos e malvados cubrindo de lodo as mais generosas virtudes. Tal é a vingança do genio. Cento e cincoenta annos depois da morte de Cervantes, a historia de D. Quixote tinha chegado ao auge da sua reputação : e tambem a Hespanha tinha chegado ao fundo do abysmo em que a precipitara a perda dos velhos costumes e opiniões de seus filhos. A idéa que gerara a novella estava realisada emfim.

Além da D. Quixote escreveu Cervantes muitas outras novellas: a *Amante Liberal*, a *Hespanhola Inglesa*, a *Força do Sangue*, as *Duas Donzelas*, a *Senhora Cornelio*, a *Tia Fingida*, a *Ciganinha de Madrid*, *Rinconete e Cortadilho*, o *Licenciado Vidrento*, e varias outras conhecidas [como parte das que apontámos] pelo nome de *novellas exemplares*. A sua ultima obra, a qual acabou pouco antes de morrer, é a *Historia dos Trabalhos de Persiles e Sigismunda*, novella que elle preferia á maior parte dos seus escriptos.

Cervantes tambem escreveu versos ; mas na opinião de respeitaveis criticos hespanhoes, elle era fraco versoeador. Deixou um bom numero de comedias e entremeses, e uma tragedia intitulada *Numancia*, obra de curta valia. Como escriptor comic o merece Cervantes grande louvor pela vivesa do seu engenho, e pela aguedesa e sal com que soube tractar a difficil arte da comedia, sem embargo da sua inferioridade como metrificador.

#### O REMEDIO VIOLENTO.

PELA entrada de Dezembro chegou a Petersburgo um italiano : a primeira vez que saiu fóra não se acauteiou, e gelou-lhe o nariz. Quando isto acontece, logo se percebe pela cõr da pelle : um camponez que passava, conhecendo isto, agarra um punhada de neve, e sem dar palavra, começa a esfregar com ella a cara do italiano, por ser este o remedio usado na Russia. O homem do nariz gelado toma este bom serviço em conta de affronta, encolerisa-se, e começa a servir o medico de punhadas e pontapés : ajuncta-se gente, chega um cabo de policia, desculpa-se o camponez, ralha o italiano : felizmente o cabo de policia fallava francez, e a questão aclarou-se. O italiano desfez-se em satisfações, e, para as corroborar, puxou

por uma *nota azul* [dez tostões] e deu-a ao esfregador, que, tomndo alento com este beneficio, continuou a operação. Acabada esta, retirou-se o italiano, agarrando o nariz com toda a ancia, e dizendo muitas vezes. "Quem haverá em Florença, que crea em semelhante historia ! "

#### SERMÕES DE VIEIRA.

MUITOS creem que a estima que os eruditos fazem dos sermões do padre Vieira, procede só da pureza e elegancia da sua lingoagem, e persuadem-se que esses sermões são falhos da verdadeira eloquencia. Esta idéa errada deve-se, em grande parte, ao modo por que o nosso Verney tractou o grande orador portuguez no *Novo Methodo de Estudar*: mas os que pensam assim estão longe de saber avaliar Vieira.

O padre Isla, auctor do engracado e judicioso libro da *Historia de Fray Gerundio de Campazas*, em que mette a bulha o depravado gosto dos pregadores do seculo desesete, fez inteira justiça ao genio do celebre jesuita. Depois de o reprehender dos defeitos em que caíu, e das aguedas e ouropeis com que principalmente adornou os seus panegyricos, prosegue nos seguintes termos :

"Pelo que toca á eloquencia que persuade [que é a unica que merece o nome de eloquencia castiça e de lei] quizera que me apontassem outra mais activa, mais vigorosa, mais triumphante do que a do padre Antonio Vieira, nomeadamente em todos os sermões exclusivamente moraes, e ainda em muitos dos panegyricos. Leam com reflexão os assumptos capitais que tracta nos sermões do Advento e da Quaresma, onde esmiuça os Novissimos e faz sobresaír as verdades mais terríveis da religião ; e digam-me, se algum orador, dos antigos ou modernos, tractou nunca estes pontos com maior vivesa, com maior solidez, com maior valentia, ou com mais triumphante efficacia."

Este testemunho dá tanto mais realce á nossa gloria litteraria, que é dado por um estrangeiro, e que o padre Isla se mostrou inexoravel para com todos os oradores que contribuiram para a corrupção da eloquencia.

O papa Adriano edificou um collegio em Lovaina, no qual mandou pôr a seguinte inscripção: Utrecht me alevantou, Lovaina me deu agua, Cesar me deu esplendor : — um curioso acrescentou-lhe por baixo: só Deus não fez aqui nada.

#### FORRO DE EMBARCAÇÕES.

HA ANNOS que se tracta de uma questão importante para a navegação do mar largo — o substituir o cobre pelo bronze no forrar os navios. No porto de Cherburgo se experimentou em 1824 que o estrago do forro de bronze, anda por metade do que sofre o de cobre, e que por cada tres mezes que é preciso concerter o forro de cobre, basta um concerto ao de bronze. As mesmas experiencias se fizeram no paquete *Frolic* de Plymouth, e os resultados foram igualmente vantajosos. O *Gol*, navio francez, que fez uma viagem á India forrado de bronze, e a embarcação balearia *le Bourbon*, que andou por fóra desuito mezes, confirmaram plenamente as vantagens do novo modo de forrar. Nas forjas de Imphy se fazem as folhas necessarias para este mister com toda a perfeição. Entram na composição do bronze 91 partes de cobre, e 9 de estanho. Este novo uso de semelhante metal para um fim tão proveitoso, tem sido geralmente ado-

ptado; e em varias armações, preparadas para a pesca da baléa, tem sido o forro de bronze preferido pelos armadores franceses. Parece-nos que qualquer companhia de navegação ou de pesca, estabelecida em Portugal, devia fazer nesta materia as necessarias indagações para examinar as vantagens que d'ahi poderia tirar para diminuir as suas despesas e aumentar os seus lucros.

#### RECEITA REAL CONTRA O FASTIO D'UM ABBADE.

HENRIQUE 8.<sup>o</sup>, tão famoso nos annaes ingleses, andava um dia á caça, nas mattas de Windsor, e desgarrando-se da sua comitiva, foi parar á abbadia de Reading: chegou a horas de jantar, e convidaram-no para a meza do abade, como quem, pelo trajo, inculcava ser, isto é, um creado da casa real. Apresentaram-lhe um façanhoso lombo de vacca; e Henrique foi tasquinhandando como quem não tinha almoçado. O abade, que o via devorar os bocados de carne assada, disse-lhe, com affectada compuncão: “*Filho, quanto folgo de vêr o vosso desembaraço. Dera de boamente cem libras para poder fazer outro tanto. O meu estomago frouxo e cansado só pôde digerir uma pequena perna de coelho ou alguma azinha de frangão.*” Henrique, como por motejo, deitou mão da promessa, e o frade, inscio da pessoa a quem fallava, a confirmou asseverando daria as 100 libras a quem o curasse. Findou o jantar, e o monarca retirou-se, incognito, como entrára.

Poucos dias tinham decorrido já o abade de Reading se achava posto a bom regado no quarto mais seguro da torre de Londres, onde, por uma semana, o fizeram jejuar a pão e agua, unico sustento que lhe ministram. Não era porém tanto a penuria das iguarias, que o atormentava, como o susto, por ignorar porque motivo incorrera na indignação real. No cabo da semana intimaram-lhe a soltura, e poseram-lhe diante um bom lombo assado: o padre, por descargo de consciencia, verificou o adagio de que [para quem tem saude] *tres dias de mau passadio tiram o mojo e o fastio*. Quando mais empenhado estava na tarefa lhe apareceu Henrique reclamando as cem libras promettidas. “*Eu fui vosso medico; restabeleci o vosso estomago debilitado; a recompensa, que marcastes, me é devida.*” Pagou o frade pontualmente, muito satisfeito de ficar quite por tão pouco; e tomou logo o caminho da abbadia, um pouco mais leve da bolça, é verdade, mas tambem muito mais alliviado de cuidados do que quando de lá saira.

#### TRIBU NOTAVEL DO MEXICO.

NA PROVINCIA de Oaxaca ha uma tribu cujos costumes e privilegios são interessantes. Vive esta na povoação de Itchicovi, que é talvez o unico ponto no Mexico onde a raça dos naturaes tem prosperado, talvez em consequencia de viver solitaria e do costume que tem de enterrar os metaes preciosos. Pastos abundantes lhes sustentam os rebanhos, e as sementeiras de milho os abastecem do necessario sustento. Abunda o paiz de algodão, e os proprios naturaes fabricam os seus vestidos. Mandam para Oaxaca tabaco, cochonilha, alguma baunilha, que lhes nasce espontanea nos mattos, e o remanescente do algodão que não precisam. Estas mercadorias, vendem-as só a dinheiro de contado, que é enterrado apenas chega a Itchicovi, segundo antigo costume de seus avoengos; porque um dos seus artigos de fé vem a ser que passados uns tantos annos que hão-de andar pelo outro

mundo, virão de novo habitar no sitio que lhes deu o berço. A epocha da sua tornada a Itchicovi não está bem apurada; mas creem firmemente que a morte não os condemna senão a um longo desterro. Como na volta os campos que ora cultivam estarão baldios, e as suas cabanas terão caido, vão agora ajuntando com que remediar depois as suas mais urgentes necessidades; e daqui nasce o enterrarem todo o dinheiro que colhem ás mãos. Os cabeças de familia tomam isto a seu cargo, e raro será que um filho descubra o thesouro de seu pae. De tempos remotissimos este povo goza de todas as exempções, e se governa a seu geito: todos os annos elegem, á pluralidade de votos, um regedor a que chamam, á maneira dos hespanhoes, *alcalde*, e a quem conferem a suprema auctoridade: dão-lhe vinte aguazis, que são obrigados a obedecer-lhe em tudo e por tudo em quanto reina: pôde durante este periodo prender, julgar e punir á sua vontade: governa, enfim a seu bel-prazer; mas pobre delle, se abusa da auctoridade! — acabado o anno, é um simples particular, e no mesmo dia da sua abdicação é levado ao *cepo* onde paga com a cabeça qualquer abuso de poder.

Conservou-se muito tempo em Itchicovi o culto mexicano; e actualmente é só por uma especie de condescendencia que os habitantes admitem um padre que lhes diz missa, baptisa, casa, e enterra, com a condicão de tolerar os ritos idolatras. Em certas epochas vão illuminar os bosques sagrados, immolam gallos para terem abundantes colheitas, rendem cultos aos seus feitiços e idолос; nem receberiam a bençam nupcial, se o parocho lhes não permittisse darem meia hora á porta da egreja. Com esta cortesia reciproca vivem em boa paz o pastor e as ovelhas. A pobresa desta gente, e o deserto a que se acolhem, bastou-lhe para ser esquecida de seus vencedores. Deixam-lhe as usanças velhas ainda hoje, porque nada custa administra-los, e porque respeitam os seus habitos como restos de um monumento truncado. Teem os indios a hospitalidade em conta de um dever; mas em Itchicovi practicam-a com luxo. O estrangeiro que por alli passar é recebido n'uma hospedaria publica destinada para este ministerio, e dois individuos se poem, gratuitamente, ás suas ordens, durante todo o tempo que por alli se demora.

#### CHA' DE FLOR DE LARANJA.

PREPARA-SE com as flores de laranja um chá muito mais aromatico, e tão sandavel como o da India, operando da maneira seguinte:

Em estando abertas as flores de laranja escolhe-se uma noite serena em tempo secco e quente, colhem-se as flores e estendem-se sobre uma mesa, mas não em monte, por que o calor as faz fermentar mui rapidamente, com especialidade tendo sido molhadas; e por isso quando tiver havido a mais pequena chuva é necessário transferir o apanho para o dia seguinte. Tambem se deve ter em vista, que quem permanecer n'um logar fechado onde haja certa porção destas flores, expoem-se a uma asphyxia muito agradavel na verdade, mas perigosissima, e que não cede senão ao uso dos acidos, e á exposição do ar livre. Esta reflexão applica-se não sómente ao perigo que resulta de as alimpar, como vamos explicar, n'uma casa fechada, mas tambem ao de se exporem, mesmo ao ar livre, ao cheiro activissimo que exhalam estas flores, principalmente se o calor é muito grande e o tempo carregado, como vulgarmente se diz. Colhe-se pois a flor inteira, estende-se em camadinhas sobre as mesas, e em quanto umas fazem a colheita, outras pes-

soas fazem a separação do que se deve aproveitar ou rejeitar: consiste esta separação em arrancar todas as petalas de cada flor, cujos estames com as suas antheras, pistilos stigmas, ovarios, e finalmente os fundos dos calices, junctos com algumas flores inteiras podem dar ainda, mediante a distillação de tudo, principios muito balsamicos. Espalham-se sobre uma caniçada as petalas mondadas, e conservadas á parte, e expoem-se ao calor d'um forno depois de cosido o pão, ou seccam-se ao ar quando é quente, á sombra, n'um celleiro, cujo telhado conserva e transmitte muito calorico. Continua-se a desecção até que as petalas encaracoladas, e amarellas, fiquem leves a ponto de pesar só meia onça a porção que d'antes pesava uma libra. Encerra-se n'um vaso bem tapado, n'um sitio secco, este chá, que tem a propriedade de atrair com muita facilidade a humidade do ar, e com estas precauções obtém-se uma infusão deliciosa muito preferivel, quanto ao sabor e efeitos, aos mais gabados chás da India.

#### EXEMPLO DE GORDURA EXTRAORDINARIA.

AS TRANSACÇÕES philosophicas fazem menção de um homem, chamado Eduardo Bright, mercador de drogas no condado d'Essex, e falecido na edade de trinta annos, o qual tinha uma gordura e peso tão desmarcados, que a historia não apresenta outro phenomeno do mesmo genero. As circumstancias da vida deste homem, e o estado de corpulencia em que morreu, foram verificados com exacção na parochia em que vivera, e onde foi enterrado.

Eduardo Bright provinha d'uma raça notavel sempre pela sua extrema gordura, e desde a mais tenra mocidade foi sumamente gordo, robusto e activo. Fez muito exercicio até os dois ou tres ultimos annos da sua vida, epocha em que se tornou muito pesado. Como tinha grande força de musculos, andava com agilidade, e viajava a cavallo para tractar dos seus negocios. Na edade de doze annos e meio pesava 144 libras [é provavel que se refiram á libra de 12 onças] e no espaço de sete annos adquiriu tal corpulencia, que antes de ter chegado aos vinte annos pesava 336 libras; finalmente, indo sempre em progressivo aumento a massa do seu corpo, chegou a ter 584 libras de peso, treze mezes antes de falecer, data em que pela ultima vez foi pesado. Cumpre observar que deste calculo fora dedusido o peso de todos os vestidos; porém como Bright não deixou de aumentar em volume até a sua morte, pôde-se assegurar, segundo um calculo muito rasteiro, que pesava então 616 libras, pelo menos.

A sua estatura era de 5 pés e 3 pollegadas inglesas: a sua circumferencia, tomada debaixo dos sovacos, era de 5 pés e 6 pollegadas, e na barriga de 6 pés e 1 pollegada: os braços tinham uma circumferencia de 2 pés e 8 pollegadas.

Sempre teve bom appetite, principalmente nos primeiros annos da sua vida, em que comia exorbitantemente. Bebia muito, especialmente cerveja forte, de que era muito apaixonado; porém nos ultimos annos já não despejava diariamente senão umas quatro garrafas da fraca. Além disto bebia meia garrafa de vinho depois de jantar, e um bule de ponche, quando estava só; pois quando se acabava em companhia bebia muito mais.

Logrou boa saude em toda a sua vida, excepto nos ultimos tres annos, em que foi atacado d'uma inflamação n'uma perna, de que foi curado por meio de copiosas sangrias, que, de cada vez eram de duas libras de sangue.

Casou-se aos 22 ou 23 annos, teve cinco filhos, e

deixou a mulher pejada. Era alegre e brincalhão, estimado de todos que o conheciam, e recommendavel por suas qualidades moraes. Morreu d'uma febre maligna, que durou quatorze dias. O corpo começo logo a corromper-se, apesar da frialdade do tempo. Foi conduzido á egreja em um carro de quatro rodas, puxado por dez ou doze homens, e desceram-o á cova por meio d'uma machina construida para esse efecto.

#### RECEITA PARA TORNAR AS AGUAS DOS POÇOS POTAVEIS E PROPRIAS PARA BARRELAS.

AS AGUAS de poços não podem muitas vezes servir senão para simples lavagens; com tudo, mediante algumas preparações, poder-se-iam não sómente tornar potaveis, mas tambem proprias para todos os usos caiseiros.

Como estas aguas só comunicam com o ar pelo bocal do poço, não contém a quantidade d'ar [ $\frac{1}{3}$  do seu volume] de que carecem para ser potaveis, basta para lhes dar esta propriedade encher d'ellas as duas terças partes da capacidade d'uma garrafa, tapar-lhe com a mão o gargalo e tomba-la horizontalmente, chocalhar por espaço d'um minuto, e repetir esta operação por duas ou tres vezes.

Para preparar grande porção d'agua de poços é necessário encher uma tina, e depois transvasar a agua duas ou tres vezes para outro vaso das mesmas dimensões, despejando-a d'alto com um balde, afim de lhe misturar a quantidade de ar sufficiente.

As aguas da chuva contém tambem um sal [o carbonato acido de cal] que as faz pesadas, difficéis de digerir, e impropias para nellas se coserem legumes. Como o sal é decomposto quando se eleva a temperatura, far-se-ha fervor a agua, e deixando-a esfriar n'um vaso de barro ou n'uma celha, trasfegar-se-ha ao cabo de vinte e quatro horas para separa-la do sedimento causado pela fervura, e depois baldear-se-ha ao o contacto do ar para restituir-lhe o que perdesse em consequencia de haver fervido.

Finalmente é da maior importancia comunicar ás aguas dos poços a propriedade de fazer coser os legumes, de dissolver o sabão, e de servir para cernidas; mas por que os saes que ellas contém não os destroem a fervura, como no caso precedente, é indispensavel recorrer aos agentes chimicos.

A addição de uma libra de sub-carbonato de soda, [sal de soda dos droguistas] pôde tornar propria para os usos domesticos desuito almudes de agua.

Deita-se a agua n'uma tina de conveniente grandesa, munida d'um pipo de madeira mettido obra de seis pollegadas distante do fundo; dissolve-se o sub-carbonato de soda n'uma vasilha contendo cinco para seis canadas de agua fria, e em este sal estando perfeitamente dissolvido, lança-se a dissolução dentro da tina, remexe-se por espaço de cinco minutos, deixa-se em repouso 24 horas, ou mais se for necessario, até que a final a agua se clarifique e fique bem limpida, o que se poderá verificar tirando pelo canudo algumas gotas de quando em quando.

#### INFLUENCIA DOS CLIMAS E DA CIVILISACAO SOBRE A MORTALIDADE.

|   |                     |
|---|---------------------|
| SEGUNDO os calculos de Mr. Moreau de Jonnés, estatistico erudito, morrem annualmente: |                     |
| Na Italia, na Grecia e na Turquia   | 1 pessoa de cada 30 |
| Nos Paizes-B. <sup>os</sup> , França e Prussia  | 1 , , , , 39        |
| Na Suissa, Imperio de Austria,  |                     |
| Portugal e Hespanha . . . . .   | 1 , , , , 40        |

|                                 |                  |    |
|---------------------------------|------------------|----|
| Na Russia Europea, e na Polonia | 1 pessoa de cada | 44 |
| Na Allemanha, Dinam. e Suecia   | 1 „ „ „          | 45 |
| Na Noruega .....                | 1 „ „ „          | 48 |
| Na Islandia .....               | 1 „ „ „          | 53 |
| Na Inglaterra .....             | 1 „ „ „          | 53 |
| Na Escocia e Irlanda .....      | 1 „ „ „          | 59 |

São tão claras as conclusões que se deduzem deste quadro, que é desnecessario particularisa-las; contudo cumpre fazer observar, como resultado geral, que de duas grandes causas depende principalmente a relação entre a mortalidade e a população, e vem a ser a influencia do clima e a da civilisação. O clima favorece grandemente a duração da vida quando é frio, e até quando é rigoroso, ou quando concorrem a humidade da vizinhança do mar e uma temperatura baixa. A menor mortalidade da Europa encontra-se nos países marítimos e próximos ao círculo polar, tais como a Suecia, a Noruega e a Islandia, e torna a aparecer nas regiões onde, como na Russia, não sendo a influencia do clima auxiliada pela da civilisação, deixa que o homem desfrute uma longa existência. As regiões meridionaes, cujo clima parece tão favorável à espécie humana, são pelo contrário aquelas em que mais periga a vida. Na Italia ha dobrada probabilidade de morrer do que na Escócia.

*Falsificação da manteiga, e meio de a conhecer.*— Um dos modos mais comumente usados de falsificar a manteiga ou as banhas consiste em encorpar-lhe batatas cozidas, e deste modo roubam no peso e na quantidade, porque todo o peso das batatas é pago sem proveito algum. Quem quiser certificar-se da qualidade dalguma manteiga ou banha, suspeitas de haverem sido adulteradas, deverá faze-las ferver em dez vezes o seu peso d'água: o corpo estranho deposita-se, pelo resfriamento, no fundo do vaso. Então tira-se, com uma escumadeira, a gordura da superfície do líquido, e aquece-se para expellir a água, que conserva. Depois de fria pesa-se, e obtem-se assim o peso real da gordura, contida na mistura analisada.

*Exame comparativo das propriedades nutritivas de alguns alimentos.*—Conhecer as propriedades nutritivas das substâncias de uso mais geral é, segundo nos parece, mais um passo dado para os melhoramentos concernentes à economia doméstica; e por isso apresentamos a seguinte tradução duma notícia dada sobre este assunto por MM. *Tercy e Herring*.

|  |         |
|--|---------|
| 100 libras de pão contém matéria nutritiva | 80 lib. |
| 100 d. <sup>as</sup> de carne              | 35 lib. |
| 100 d. <sup>as</sup> de feijões            | 92 lib. |
| 100 d. <sup>as</sup> de favas              | 93 lib. |
| 100 d. <sup>as</sup> de lentil.            | 94 lib. |
| 100 d. <sup>as</sup> de cenour.            | 14 lib. |
| 100 d. <sup>as</sup> de nabos              | 8 lib.  |
| 100 d. <sup>as</sup> de batatas            | 25 lib. |

D'onde resulta que, aproximadamente,  $\frac{3}{4}$  de lib. de pão e 5 onças de carne são iguais a 3 lib. de batatas: que 1 lib. de batatas é igual a 3 de nabos; e finalmente que 1 lib. de favas, ou de lentilhas, é igual a 3 lib. de batatas.

*Meio de livrar as árvores das lagartas.*—Basta para isso, diz o autor da receita, cingir o tronco da árvore, e os ramos mais grossos, com tiras de casca de amoreira; porque todos os insectos tem grande e natural antipathia a esta árvore, que parece ter sido reservada para nutrir, e defender ao mesmo tempo, os bichos da seda de todos os seus contrários.

Annos  
de  
J. C.

#### SEMANARIO HISTÓRICO.

14 de Janeiro.

1659 — Victoria das linhas de Elvas. Os castelhanos que sitiavam aquella praça são accreditados pelos portugueses no seu arraial; é este roto e entrado: caem nas nossas mãos um grande numero de prisioneiros, artelharias, munições e bandeiras.

15

1432 — Nasceu em Coimbra D. Afonso 5.<sup>o</sup>

1501 — Descobre Pedro Alvares Cabral a cidade de Cananor.

1513 — Fernão Peres d'Andrade toma a fortaleza de Upi nas vizinhanças de Malaca, queima-a e arraza-a até os fundamentos; e o Patequitir, senhor dela, recolhe-se ao sertão.

16

1505 — Fundada a fortaleza de Sofala por Pero de Anhaia, pertendem os mouros destrui-la neste dia á traição: os portugueses são avisados deste projecto, repellem e desbaratam os inimigos, e é morto o rei Zufe de Sofala.

1556 — Abdicação de Carlos 5.<sup>o</sup>, imperador de Alemanha e rei de Espanha, em seu filho Philippe 2.<sup>o</sup>

17

1565 — O exercito do Çamorim accomete a nossa fortaleza de Cananor, composto de cem mil homens; é repellido com grande estrago dos seus.

18

1368 — Morre elrei D. Pedro 1.<sup>o</sup> chamado por uns o cruel, por outros o justiciero, tendo quarenta e oito annos de idade e dez de reinado.

1509 — O celebre Duarte Pacheco destroem em combate, com força igual, um corsario francez, na altura do cabo de Finisterra: mette a pique uma das embarcações inimigas e traz as outras tres prisioneiras a Lisboa.

19

1464 — O infante D. Fernando irmão d'elrei D. Afonso 5.<sup>o</sup> accomete a cidade de Tangere: — são rechaçados os portugueses, perdendo trezentos homens, entre mortos e captivos.

1472 — Nascimento de Copérnico, inventor do sistema do Mundo, hoje geralmente recebido como unico verdadeiro.

1522 — Pertendem os mouros de Ormuz sacudir o jugo dos portugueses: revoltam-se e attacam a fortaleza, depois de matarem todos os nossos que encontram por fóra: saíndo-lhes balizada a sua tentativa, lançam fogo á cidade e retiram-se da ilha para o continente. Ormuz fica reduzida a cinzas.

20

1551 — Nasce em Lisboa elrei D. Sebastião e no mesmo dia no anno de 1565 toma posse do sceptro na edade de 14 annos.

1556 — Mem de Sá governador do Brasil desbarata os franceses que haviam invadido aquella província, ajudados pelos selvagens Tamoyos.

1813 — Morte do poeta alemão Wieland, auctor do Oberon.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis, Rua do Arsenal  
N.<sup>o</sup> 55 — 1.<sup>o</sup> andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.